



## MEMÓRIAS DE COBRA E IDENTIDADE NA COMUNIDADE SÃO PEDRO, RIO AQUIQUI

Carla Cristina Duarte CAMBUI (G-UFPA)

Antônia Fernanda de Souza NOGUEIRA (UFPA)

### RESUMO

Este trabalho apresenta histórias contadas sobre cobras grandes capazes de devorar uma pessoa e provocar medo e terror. Tem como objetivo propor uma reflexão sobre as histórias do povo ribeirinho na comunidade São Pedro, rio Aquiri (Pará). As histórias inquietam o nosso imaginário e misturam fantasia com a realidade. Tais narrativas nasceram, cresceram e se reproduziram na memória oral, porém, não foram escritas. Fazem parte da construção da identidade de um povo, pois foram ouvidas por nossos ancestrais e por nós quando crianças. Alguns de nossas avós ou avôs sempre contavam uma história que sua avó ou avô contou a eles, e esse costume foi passando de geração a geração. Porém o que se percebe é que muitas dessas histórias não são registradas pela escrita; dessa forma, elas vão se perdendo com o tempo. Além de registrar na modalidade escrita a história da cobra da comunidade São Pedro, o presente trabalho pretende investigar a identidade cultural carregada pela mesma. Para tanto, realizaremos pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. Como referencial teórico, utilizaremos Maciel (2014) e Filho (2014). Nossa proposta é investigar sobre o papel da cobra como um ser mitológico e como ela se destaca nas histórias ribeirinhas, constituindo a identidade dos ribeirinhos. Trata-se de um tema importante para que possamos desvendar aspectos de nossas origens, nossos costumes, nossas tradições, nossas culturas e nossos valores.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Cobra. Narrativas orais. Ribeirinhos do Rio Aquiri, Identidade Cultural.

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta histórias contadas sobre cobras grandes capazes de devorar uma pessoa e provocar medo e terror. Tem como objetivo propor uma reflexão sobre as histórias do povo ribeirinho na comunidade São Pedro, rio Aquiri (Pará). As histórias inquietam o nosso imaginário e misturam fantasia com a realidade. Tais narrativas nasceram, cresceram e se reproduziram na memória oral, porém, não foram escritas. Fazem parte da construção da identidade do povo ribeirinho na Comunidade São Pedro, pois foram ouvidas por nossos ancestrais e por nós quando crianças. Alguns de nossas avós sempre contavam uma história que sua avó ou avô contou a eles, e esse costume foi passando de geração a geração. Porém o que se percebe é que muitas dessas histórias não são registradas pela escrita; dessa forma, elas vão se perdendo com o tempo. Além de registrar na modalidade escrita a história da cobra da comunidade São Pedro, o presente trabalho pretende investigar a identidade cultural carregada pela mesma.

Para além do natural, a paisagem se configura como um elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e fantástico, tal como afirma Simões (2010, p.13):

A paisagem composta e emoldurada por rios e florestas significa para o amazônida, portanto, não apenas o espaço de vida e trabalho no cotidiano repetitivo, mas também um elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e com fantástico. Nessa paisagem homens, animais, seres, rios, ANAIS DO II COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENSINO, PESQUISA, TEORIA.** Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-1131

florestas são vistos e observados com a perspectiva de perscrutação e captação de sentido íntimo das coisas.

## 2. METODOLOGIA

Foi adotado como procedimento de investigação para a construção do artigo a pesquisa bibliográfica Simões (2010), Maciel (2014) e VazFilho (2014). Além da pesquisa bibliográfica realizamos pesquisa de campo com os moradores da Comunidade São Pedro e com a minha querida avó Inês Pinheiro Correia (a quem agradecemos pela colaboração).

## 3. A COMUNIDADE SÃO PEDRO DO RIO AQUIQUI

A comunidade São Pedro, mais conhecida como vila São Pedro fica localizada no baixo Xingu no interior da cidade de Porto de Móz (Pará).



**Figura 1:** Mapa e Dados sobre a cidade de Porto de Móz (IBGE, 2015, <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150590>).

De acordo com dados do IBGE (2015), a origem histórica do município data de 1639. Segundo o IBGE, quando os capuchos de José lançaram os fundamentos da atual sede, com a denominação de aldeamento [aldeamento] Maturu, sob a invocação de São Braz. Em decorrência



das primeiras explorações da parte baixa do rio Xingu, o aldeamento se desenvolveu, passando assim, para o século XVIII.

O povo Maturu é também citado como habitante primitivo de Porto de Moz por Feitosa (2006). Ao descrever a Bacia do rio Xingu, Feitosa afirma que Porto de Moz seria “terra do povo Maturu”. Com uma área de 511.891 quilômetros quadrados, a Bacia do rio Xingu nasce no Mato Grosso, onde estão as nascentes dos seus principais formadores, e segue por dentro do Estado do Pará, onde encontra o Rio Amazonas, na altura da região de Porto de Moz, terra do povo Maturu. (grifos nossos)

As margens do rio são estreitas, a água é muito barrenta o que impossibilita enxergar o que se esconde no fundo do rio, área de várzea. No inverno, as casas, trapiches e marombas são tomados pela água. Muitas criações de animais e aves são mortas afogadas, porém no verão a seca é tão forte que o solo racha plantas, peixes e animais morrem por falta de água. O meu falecido bisavô foi o primeiro morador a pisar em terras aquiuienses. Lá nasceram, meu avô e seus irmãos, meu avô casou pela segunda vez com a minha avó, junto tiveram dez filhos, quatro mulheres e seis homens. Minha mãe é a filha mais velha, eles sempre viveram da criação do gado e da pesca.

Veremos que as narrativas tradicionais da comunidade apontam para uma memória de histórias indígenas no passado, a qual ainda se pode detectar no presente, que pode estar ligada com a presença do aldeamento Maturu.

#### **4. MEMÓRIAS DE COBRA NO RIO AQUIQUI**

Os moradores da comunidade vivem da pesca e da criação do búfalo, mas guardam com eles verdadeiros tesouros da sua história, que foram ouvidas, mas não escritas. Minha avó conta a história de uma vaca que foi engolida por uma cobra e que a mesma a vomitou. Repetiu o mesmo gesto ao engolir um homem, mas em situações deferentes. Abaixo transcrevo a história que a vovó contou para a construção deste trabalho.

Minha avó se chama Inês Pinheiro Correia. Ela tem 80 anos de vida, de história e de sabedoria. Uma enciclopédica de conhecimentos adquiridos ao longo da vida arquivada em sua memória, e na vida de seus netos e netas. Era verão, o sol estava escaldante, meu falecido avô era criador de gado. Esses animais quando sentem calor vão para a beira do rio para minimizar o calor, vovó disse que meus tios estavam em casa com ela e o vovô quando, de repente, eles ouviram um forte mungido. Era a vaca que estava sendo engolida por uma gigantesca cobra. Todos ficaram assustados, mas não conseguiram livrá-la daquela fera, ela levou o animal para o fundo do rio. Dias depois os moradores encontraram o animal. Na volta do “S” eles viram muitas borbulhas, galhos e



folhas saindo do fundo do rio, eles acreditavam que a cobra estava lá provocando o maior terror. Esta parte do rio é muito parecida com a letra “S”. Minha avó diz que o ninho da cobra fica no porto do Alcibiades. Este senhor mora distante da comunidade por essa razão. Vovó acredita que a cobra se desloca daquele local, quando não encontra alimento. Minha avó diz: “minha filha, foi assim. Aquele bicho enorme puxou o traseiro da vaca e, puxava ela, com tanta força e arrastou, arrastou a bicha pro fundo do rio até sumir”.

A outra história retratada é a morte de um homem. A vovó conta que, era tarde da noite. Marcos convidou seu irmão para defecar na cabeça do trapiche, seu irmão foi buscar o lampião para clarear. Marcos não esperou e seguiu e foi daquele lugar que desapareceu, esse fato ocorreu no período do inverno. A água estava grande e muitos ribeirinhos preferem defecar na cabeça do trapiche, e foi daquele local que ele desapareceu. Dois dias depois, os moradores o encontraram, ele estava muito liso, todos acreditam que o homem foi vomitado. “Ah, minha filha, a tábua do trapiche estava com os sinais do xixi dele, os moradores procuraram ele noite toda, mas não o encontraram e, quando acharam, ele estava, liso, liso, liso”.

Serpentes e cobras fazem parte das narrativas de origem do mundo e de localidades em várias culturas. Na bíblia, no livro de Gêneses (cap. 05; vs. 03) surge a serpente. No jardim do Éden, ela atenta Eva a comer o fruto proibido e depois, Adão, que também o comeu. Deus os expulsou do paraíso, sendo obrigados por ele a comer o pão do seu suor. A serpente foi então considerada maldita por Deus entre todos os animais: “Porquanto fizeste isto maldita serás tu dentre todos os animais domésticos, e dentre todos do campo; sobre teu ventre andarás, e pó comerás por todos os dias da tua vida”.

Dessa forma, constata-se que a cobra acompanha o ser humano a partir do momento que este surgiu na face da Terra, dentro da tradição cristã. E nos mais diversos povos, encontram-se culturas, crenças, mitos, lendas, rituais relacionados a serpentes dos mais distintos tamanhos e com inúmeras narrativas orais as envolvendo.

Segundo Malcheret al. (2009, p.11), o imaginário é fruto da cultura e ao mesmo tempo um dos elementos que fundamentalmente dão corpo a essa cultura. Isso acontece porque o homem é constantemente influenciado pela mediação de diversos aspectos culturais, utilizando os símbolos que já estão disponíveis e significando-os de acordo com o contexto no qual se encontram.

Minha avó conta as histórias com muita certeza de que realmente existe uma cobra que devora pessoas, animais gerando reverência e medo.

Segundo Vaz Filho (2014, p. 89), para alguns povos indígenas de Santarém, a cobra grande é uma sucuri que cresceu demais e teve que abandonar os igarapés e pequenas lagoas, para se refugiar na parte mais profunda dos rios ou nas ilhas. No Aquiri, a profundidade do rio é muito



grande, pois inúmeras embarcações (de grande porte) trafegam por lá, o que leva a crer que realmente existe uma cobra nas profundidades do rio. Certa parte do rio chamou minha atenção e dos moradores, pois ela tem um formato parecido com a letra S. Como disse anteriormente minha avó assim como os demais moradores daquele local acreditam que é lá o ninho da serpente. Tanto que foi na volta do S que eles encontraram o cadáver do homem o do animal, ambos, como vimos, foram engolidos pela cobra. O que nos chama atenção é o formato do local do rio em que ela deixa suas vítimas: a semelhança da letra S com o formato do seu corpo.

No texto *Lendas paraenses: vivas no imaginário popular (Jornal Diário do Pará)*, afirma-se que o conteúdo das lendas da nossa região é fortemente simbólico e geralmente tem detalhes que podem ter acontecido ou não. Minha avó demonstra completa confiabilidade quanto às narrativas que conta.

É importante ressaltar também que, para muitos fenômenos ocorridos no Brasil, os quais a ciência não conseguia explicar, os indígenas, os escravos – advindos do processo de colonização do país e conhecedores de outras lendas e histórias – tinham uma resposta para tudo o que acontecia em sua volta, principalmente certos fenômenos da natureza. Eles, assim, contribuíram no processo de edificação do nosso acervo cultural, bem como com os costumes, tradições, crenças e, principalmente, nas construções das narrativas orais existentes no Brasil.

Nos textos resultantes da entrevista de minha avó, a cobra nasce como uma maldição, um espaço em que animais e homens se tornam vítima da mesma fera.

Segundo Maciel (2014, p. 15), “a serpente está presente nos mitos de várias culturas e possui uma variedade de significados simbólicos. Para a mitologia cristã, é a representação do mal, do pecado, imagem que parece no mito de Adão e Eva”.

Temida pelos ribeirinhos, sobretudo nos grandes rios regionais, a cobra grande, além de provocar naufrágio, também pode ser vista como uma praga para os criadores de gado que moram nas margens dos rios. A fazenda do meu vovô, por exemplo, também foi alvo desta temida cobra. Segundo Malcheret al.(2009, p. 11), os seres humanos estão imersos na história do lugar em que vivem e dos grupos aos quais pertencem. Por esse motivo, tomam para si todo o conjunto de regras e de símbolos pertencentes a esse grupo. A cultura é, portanto, o que orienta e o que dá lugar às atitudes e pensamentos dos sujeitos, a partir do seu lugar de fala. Warnier (2000) compara a cultura como uma bússola, pois ela que mostra quem somos e a que lugar pertencemos, nos identificando com alguns grupos e nos diferenciando em relação a outros.

Como podemos observar na citação acima, todo ser vivo se mantém em torno de um grupo e com ele constitui sua própria cultura, suas crenças, seus valores e seus costumes. Com os familiares da minha avó não é diferente, pois eles acreditam na existência da Cobra grande que habita na





profundidade do rio, que moças menstruadas não devem aproximar-se das margens do mesmo e que existem forças superiores que protegem tudo ao seu redor.

## 5. CONCLUSÃO

Com base nos referências teóricos e nas narrativas orais da minha avó certifico as semelhanças entre os textos e a narrativa da mesma. A transformação do homem é influenciada pela origem de sua cultura, conhecer o que a minha avó possui de conhecimento foi um presente para a minha formação enquanto pessoa e como profissional, pois faço parte dessas narrativas e aprendi a respeitá-las e repassá-las às demais gerações. Somos frutos de um processo de colonização cruel contra o pensamento indígena, por exemplo, contra a crença na Cobra grande. Apesar disso, ainda há inúmeras narrativas orais e os indígenas continuam tendo um papel fundamental nesta construção. O povo Maturu, dono de Porto de Móz, podemos dizer, ainda está presente nas narrativas da Cobra grande. Tal como os povos indígenas de outras localidades, os Maturu foram cruelmente excluídos. Segundo Vaz Filho (2014, p. 84), os povos indígenas de Santarém (PA), descendentes dos povos indígenas que já viviam na região à época da chegada dos europeus (XVI), passaram por vários processos de violência, esses indígenas passaram por um longo processo de invasão dos seus territórios, exploração econômica, imposição política e cultural e mestiçagem com outros povos, que resultou em profundas transformações no seu modo de vida. Por exemplo, muitos indígenas não falam suas línguas originais, e hoje estão reaprendendo o Nheengatu (tupi) e o Munduruku. Longe daquela visão estereotipada do “índio selvagem”, os indígenas do baixo rio tapajós pareciam mais similares à lógica do mercado e do Estado.

Segundo Vaz Filho, em Santarém, desde a década de 1990, no entanto, alguns dos povoados ribeirinhos começaram a se identificar como índios, e a exigirem a demarcação dos seus territórios e educação formal diferenciada, pois os mesmos não eram reconhecidos totalmente como verdadeiros cidadãos. Haja vista que em nossa Constituição Federal, no artigo quinto, garante aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade nos termos da lei, todos são iguais perante a lei, sem distinção de natureza.

Este trabalho pretende contribuir para o conhecimento de nossa ancestralidade indígena, especialmente sobre o povo Maturu, residente do território hoje ocupado pelo município de Porto de Móz. Nossa crença na Cobra grande pode estar diretamente ligada à presença desse povo na região, antes da chegada dos europeus, e, certamente, também atualmente.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado. art: 5ª. 1998.

DIÁRIO DO PARÁ ONLINE. Lendas paraenses: vivas no imaginário popular. Disponível em: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/impressao.php?idnot=83724>, acesso em 30/01/15

FEITOSA, T. A marcha rumo ao oeste que não aconteceu. A Fronteira interrompida na Terra do Meio. In: **Instituto Socioambiental**, 2006. Disponível em: <http://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2337>. Acesso em: 29/01/15.

MALCHER, M. A. et al. **Imaginário Paraense: Fundação de Amparo e desenvolvimento da Pesquisa, Relatório de atividades de Gestão 2009**. Belém: FADESP, 2009. Disponível em: [http://www.portalfadesp.org.br/midias/midias/148\\_fadesp\\_gestao\\_2009.pdf](http://www.portalfadesp.org.br/midias/midias/148_fadesp_gestao_2009.pdf). Acesso em 29/01/15.

MARCIEL, M. N. As histórias que ouvi da minha avó e o que aprendi com elas, **Revista LEETRA**, São Carlos, SP, n. 4, v. 1, 2014, p. 10-16.

SIMÕES, S. Lendas e mitos da Amazônia. **Revista Litteris Literatura**, Rio de Janeiro, n. 5, Julho de 2010. Disponível em: [http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/lendasemito\\_sMariadosocorro.pdf](http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/lendasemito_sMariadosocorro.pdf), acesso 29/01/15.

VAZ FILHO, F. A. A crença nos encantados entre os indígenas do baixo Rio Tapajós, **Revista LEETRA**, São Carlos, SP, n. 4, v. 1, 2014, p. 84-91.